

Jovens relatam experiências e angústias sobre um 3º ano remoto

**Os desafios e incertezas de um último ano escolar no cenário
pandêmico.**

O cenário mudou. As lousas foram substituídas por telas de tablets, smart phones e computadores. A voz dos professores, que antes era nítida e clara, agora falha com frequência devido à má transmissão das redes. Os rostos assonados dos alunos se transformaram em uma tela preta e vazia. Um lugar tão caloroso virou algo frio e distante. Essa é a realidade das aulas remotas. Desde março de 2020, cerca de 48 milhões de estudantes no Brasil encerraram suas atividades presenciais em suas respectivas escolas. Uma medida que, apesar de inconveniente, foi extremamente necessária como forma de prevenção à propagação do coronavírus. Assim, milhões de estudantes e educadores precisaram se adaptar rapidamente a um novo modelo de ensino, não mais pautado nas relações sociais, mas sim em uma educação mediada por tecnologia.

É nesse cenário de mudanças e incertezas que os alunos do terceiro ano do Ensino Médio concluem seu último ano escolar. Em uma fase naturalmente composta por medos e descobertas, os alunos tiveram suas inseguranças impulsionadas ainda mais por conta de todas as mudanças trazidas pela pandemia. Uma pesquisa do Conselho Nacional de Juventude, divulgada em julho, mostrou que 7 em cada 10 estudantes (de 15 até 29 anos) afirmam que seu estado emocional piorou durante a pandemia. A pesquisa mostrou também que 34% dos alunos são pessimistas em relação ao futuro.

Com a pressão dos vestibulares somada ao abalo emocional e às dificuldades enfrentadas no sistema educacional esse ano, os alunos do terceiro ano do Ensino Médio se preocupam com o futuro incerto e se entristecem com as perdas de uma última experiência escolar.

“Sei que todos estão passando por essa mudança, mas estou muito mais ansiosa e tensa para os vestibulares. Com a diminuição da minha motivação e ritmo de estudos me sinto menos preparada do que deveria”, conta Fernanda Bittencourt. A pré vestibulanda de 17 anos quer prestar para o curso de Design e sonha em ingressar em uma Universidade Pública.

A adaptação às aulas remotas é, definitivamente, um desafio. Sobre esse assunto, as opiniões variam, uns gostam outros detestam, mas todos concordam que nada supera o contato presencial. “Foi bem estranho no início mas me adaptei super bem, comparando com o que meus amigos falam acho que estou bem em relação a isso. Claro que não se compara ao presencial!”, conta Juliana Dantas, 17, sobre sua experiência com o EAD (Ensino a Distância). Desejando ingressar no curso de Medicina Veterinária na Universidade de São Paulo, Juliana está focada nos estudos desde o início do ano e não encarou as aulas remotas como algo prejudicial.

Já a experiência de Carolina Mechenas, 17, com o EAD não foi tão boa. “Não me adaptei às aulas online, para mim está muito difícil. É a mesma coisa que nada porque eu me distraio demais. Eu já tinha problemas de aprendizado em aulas presenciais e agora está impossível me concentrar. Sinto que não aprendo nada.”, conta a estudante. Objetivando entrar na Escola da Cidade, para cursar Arquitetura, Carolina não está nada satisfeita com seu desempenho esse ano.

Apesar de toda a dificuldade com a adaptação e o aproveitamento das aulas remotas, as alunas do Colégio Parthenon contam que as preparações para os vestibulares quase não se alteraram. “A preparação está tão intensa, tanto nas aulas quanto após as aulas. Por estar perto do fim do ano os professores estão aumentando os ritmos das aulas e acaba ficando muita coisa pra fazer depois. Geralmente acumula bastante atividade para fazer em fim de semana. Além dos simulados, que já fizemos uns 10.”

A alta carga de tarefas e o ritmo acelerado de estudos para os vestibulares não coincidem com o momento difícil que todos estão enfrentando em tempos de pandemia, concluem as alunas. “Os professores não diminuiram nem um pouco a pressão em relação aos vestibulares. E eu acho que isso foi um grande erro, porque está sendo muito difícil para

todos e eles acham que conseguimos lidar com a mesma cabeça que estávamos lidando no início do ano”, desabafa Carolina Mechenas.

A tristeza de não poder fazer as tão esperadas atividades exclusivas do terceiro ano do Ensino Médio também frustra bastante as meninas. “O terceiro é um ano tão importante, tanto em relação ao vestibular quanto em relação a vivência. Tem a festa junina, rep lago, sextas temáticas, churrasco pré Enem. Todas essas atividades acabam diminuindo o estresse e a tensão do vestibular. Pensar que eu perdi todas essas etapas tão gostosas me faz querer fazer o ano de novo”, afirma Juliana.

“Eu lembro que o meu último dia de aula antes da pandemia acabou sendo um dia divertido, mas eu fico muito triste em saber que eu não vou poder voltar e ver meus amigos pela última vez na escola, nem ter aquele último dia de aula. Essas coisas não vão voltar e isso me deixa triste demais. A gente perdeu um dos anos mais importantes escolares, tanto em vivências quanto em aprendizados”, conta Carolina.

O ano cheio de mudanças e perdas pode afetar no desempenho dos alunos nos vestibulares, se comparado com os anos anteriores, mas essa ainda é uma questão em aberto que deverá ser analisada após a conclusão das provas. Para Paulo Henrique de Souza, 51, doutor em “Ensino de Física” pela Universidade de São Paulo, professor há mais de 22 anos, as perdas das escolas particulares, apesar de irreparáveis, não se comparam às perdas das escolas públicas. “Os alunos das escolas particulares continuam com aulas remotas, os alunos das escolas públicas estão sofrendo bem mais, já que tiveram uma dificuldade bem maior com a instalação do EAD no ensino. É aí que nós vamos ter uma disparidade ainda maior. A desigualdade vai se acentuar ainda mais”, afirma Paulo Henrique.

Para Paulo Henrique as grandes perdas foram os momentos que não voltarão. Toda a leveza que um terceiro ano deveria ter para superar as grandes pressões não foi possível oferecer aos alunos remotamente. “Os alunos perderam tanto conteúdo quando vivências, mas conteúdo se recupera, vivências não. Estar com o outro na escola foi a maior perda, definitivamente. Aquele ano, cheio de emoções e atividades, infelizmente eles não terão”.

Apesar de todo o sofrimento desse ano, o professor de física acredita que aprendemos uma lição valiosa: a importância do ambiente escolar e da figura de um professor. “Ficou muito claro o papel importante do professor e da escola, mas com o capitalismo

exacerbado que vivemos, todos mantem o professor como simplesmente um proletário da educação e não como uma figura protagonista”.

Mariana Farias Frediani JOA2 19000095